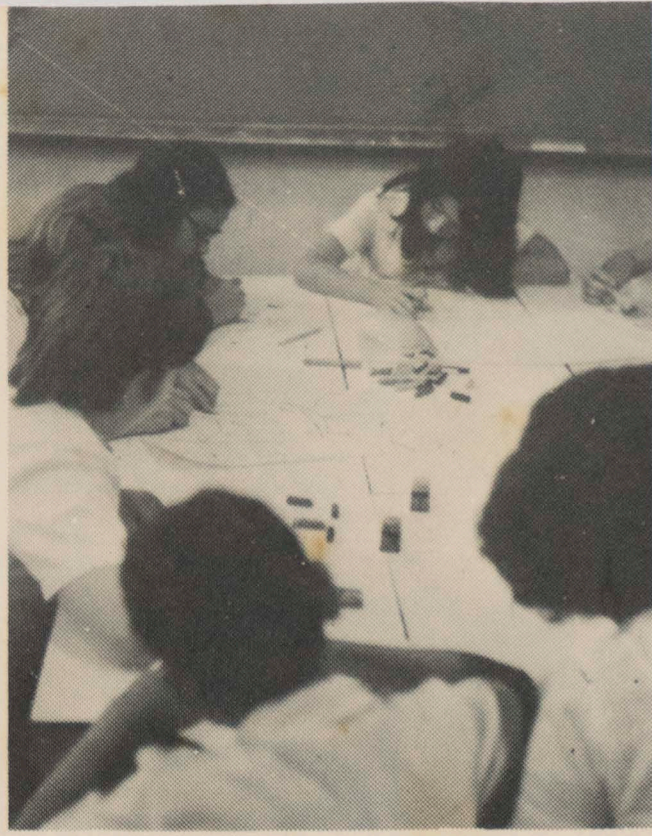


1 - o material



2 - desenhando



3 - colorindo com lápis-cera



4 - está pronto o desenho

lápiz-cera e nanquim

Nas turmas de 5.^a série da Escola Nações Unidas — Governo do Estado da Guanabara — pincéis, trinchas, estiletos, nanquim, agulhas, pentes, palitos entram em ação. A atenção de todos se concentra no trabalho a executar.

A nossa disposição está o material: papel para desenho, lápis-cera (de preferência o que se utiliza para marcar estacas), nanquim, pincel ou trincha, estilete, pena de nanquim, agulha, palito ou qualquer instrumento pontiagudo — pode-se usar também gilete, pente, lixa, que permitirão obter texturas diferentes —, pó de giz ou talco.

Reunido o material, outras etapas nos esperam.

Escolher um tema e desenhá-lo sobre o papel ou desenhar formas abstratas uma junto às outras.

Colorir com lápis-cera, evitando deixar aparecer o branco do papel. Usar de preferência cores luminosas.

Passar sobre a folha desenhada o apagador com pó de giz, ou uma esponja com talco para que o nanquim se fixe mais rapidamente sobre o lápis-cera.

Com um pincel ou trincha passar o nanquim cobrindo toda a superfície desenhada.

Deixar secar bem.

Hachurar ou raspar com o estilete, pena de nanquim ou qualquer outro instrumento pontiagudo. Se tiverem sido usadas formas abstratas ou simples zonas coloridas, ao invés de hachurar ou raspar, desenhar o tema escolhido.

A utilização desta técnica favorece a iniciação do aluno nos domínios da criação decorativa, proporciona o manejo do pincel na sua forma mais simples e o emprego de materiais diferentes. Vale a pena observar o efeito mágico que produz no aluno ver surgir da camada negra de nanquim as formas coloridas que vão sendo desvendadas pelo estilete.

Texto de Irenita Ritta da Conceição

5 - passando pó de giz



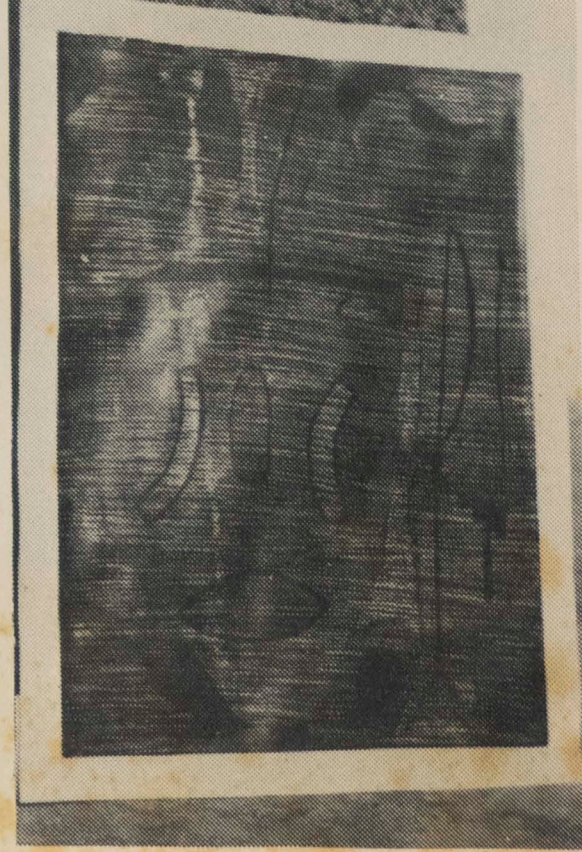
6 - passando nanquim



7 - hachurando com estilete



8 - o trabalho pronto



museu extramuros

O Museu Nacional de Belas Artes, até agora considerado o mais conservador e anacrônico, orgulha-se de ser o primeiro a oferecer uma visão do que será o museu do ano 2000 e espera acompanhar a evolução museológica quebrando talvez um dia, a sisudez do prédio da Avenida Rio Branco com espaços verdes, entremeados dos seus Visconti, Amoedo, Parreiras e Almeida Júnior.

A convicção de que o museu moderno deve ser uma instituição dinâmica levou-nos a montar exposições fora de nossas galerias.

Na busca de um novo público, o MNBA exibiu parte significativa de suas obras num dos bairros mais populosos e de grande densidade escolar da Guanabara.

A exposição montada no Tijuca Tênis Clube ofereceu uma visão evolutiva da pintura brasileira, abrangendo desde a segunda metade do século XVII até o momento atual.

O retrato de personalidades influentes e a religião são os temas predominantes do período colonial, representado pela

Nossa Senhora da Ajuda, da Escola Fluminense de Pintura, e pelo *Retrato do Marquês de Inhambupe*, de Simplício Rodrigues de Sá.

Na primeira geração de alunos da Missão Francesa surge Manuel de Araújo Porto Alegre, Augusto Muller, Agostinho José da Mota e Francisco Antônio Nery.

Já na segunda geração define-se a plêiade que sustenta a pintura brasileira do século XIX, pelo alto nível da técnica de seus componentes e a força do talento que os inspira: Vitor Meireles, Pedro Américo, Zeferino da Costa e Almeida Júnior.

Do mestre Rodolfo Amoedo o MNBA orgulha-se de possuir grande número de obras, onde podemos observar, ao lado de perfeita técnica, a influência francesa resultante do seu longo período de estudos em Paris. O *Dorso* de Muller é uma das suas melhores obras no Museu e documenta a sua mestria ao captar toda a beleza do corpo feminino.

De Belmiro de Almeida, esse pintor que enobrece o cotidiano e retrata os personagens de sua época, levamos a admirável *Dame à la Rose*.

O paisagista Antônio Parreiras, sob a influência do seu mestre Jorge Grimm, abandona os interiores e sai ao encontro direto da natureza pintando as matas e praias do litoral do Estado do Rio.

Pedro Alexandrino, o mestre da natureza morta e Batista da Costa são outros artistas que enriquecem com seus trabalhos as galerias nacionais do MNBA.

Presciliano Silva está hoje regamente representado na Coleção Brasileira.

Incluimos na mostra o quadro *Oração da Tarde*, considerado pelo próprio Presciliano o seu melhor trabalho.

A *Gioventù* de Eliseu Visconti coroa esta série de nomes representativos da pintura brasileira. Considerada uma das obras primas da pintura brasileira dela devemos orgulhar-nos tanto quanto se orgulha o Louvre de possuir a *Gioconda*, de Da Vinci.

A imagem suave de adolescente que tem seu busto recortado sobre a paisagem renascentista é um dos momentos mais altos da pintura brasileira e universal.

A coleção de Pintura Contemporânea do MNBA apresenta obras de pintores que seguiram o modelo acadêmico e daqueles que seguiram novos caminhos.

Do movimento modernista de 22, o MNBA possui trabalhos de Tarsila (Auto-Retrato), Anita Malfatti (Paisagem), Vicente do Rego Monteiro (*Freiras*), Di Cavalcanti (*Cigamos*), todos presentes nessa exposição extramuros.

As últimas aquisições estão procurando documentar a busca de novas formas plásticas, como prova a pintura tridimensional representada pelos contemporâneos Rubem Valentim, Tenreiro e o jovem José Carlos Galvão.

Ao lado desses numa linha menos inovadora, porém de alto poder expressionista surge Júlio Vieira.

Dele incluimos o óleo *O Chefão*, que representa o ser humano preso a grandes responsabilidades e cercado pelos elementos que pertencem ao seu mundo: a mesa, o telefone, papéis, tudo numa agressiva, porém agradável justaposição de cores com predominância do verde, do vermelho e do preto.

Nossa intenção é constituir um panorama, embora limitado, da pintura no Brasil, com o objetivo de despertar e renovar em todos a consciência do nosso valor artístico.

Texto de Maria Elisa Carrazzoni

Gioventù
Eliseu Visconti
MNBA, RJ



Oração da Tarde
Presciliano Silva
MNBA, RJ



A Caminho do Curral
J. Batista da Costa
MNBA, RJ



Costa Entornado
Pedro Alexandrino
MNBA, RJ



Retrato de Maria
Cândido Portinari
MNBA, RJ



Dia de Verão
Georgina Albuquerque
MNBA, RJ



MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Jarbas Gonçalves Passarinho
Presidente do Conselho Federal
de Cultura
Raymundo Montiz de Aragão
Departamento de Assuntos Culturais
Renato de Azevedo Soeiro
Diretor do Museu Nacional de
Belas Artes
Maria Elisa Carrazzoni

TEMPO DE ARTE

Editor Responsável:
Maria Elisa Carrazzoni
Editoria:
Maria José de Sant'Anna Alvarez
Maria da Glória Souza Pinto
Colaboradores:
Maria de Lourdes Horta Barreto
Sydney Simons Braga
Maria Luiza Querini
Eunice de Araújo Carneiro
Margarida B. Guimarães
Fotografia:
José Goes
Programação Visual:
Edgar de Carvalho Jr.

josé ferraz de almeida júnior

Almeida Júnior, nascido em Itu, Estado de São Paulo, em 1850, é considerado um renovador da pintura brasileira no século XIX, pela valorização dos temas nacionais e pela tendência ao realismo que o afastou dos modelos acadêmicos. Dele nos diz Sérgio Milliet no ensaio *Pintores e Pinturas* que "Juntamente com Vítor Meireles, de quem foi discípulo, e muito mais que Pedro Américo, Almeida Júnior tem para a pintura nacional a importância de um marco divisório. Com ele se afirma a nossa liberdade artística e por ele conquistamos um lugar na história da arte contemporânea.

Sua formação francesa deve-se aos estudos complementares feitos na Academia de Belas Artes de Paris. Em 1881 participa do Salão dos Artistas Franceses com a tela *Fuga para o Egito*, hoje pertencente ao Museu Nacional de Belas Artes.

De volta ao Brasil, em 1882, trabalha intensamente. Suas obras passam a integrar as mais importantes mostras do país. Em 1889 é premiado com medalha de ouro na Exposição Geral de Belas Artes. Neste mesmo ano volta para São Paulo, onde se fixa e onde, dez anos depois, morre assassinado

Situa-se entre 1889 e 1899 a fase mais significativa de sua produção artística. Na sala *A Paisagem Brasileira até 1900* da II Bienal de São Paulo, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, no Museu Nacional de Belas Artes estão as mais importantes obras de Almeida Júnior. Dentre outras *Fuga para o Egito*, *Descanso do Modelo*, *O Derrubador Brasileiro*, *Caipira Picando Fumo*, *Caipiras Negaceando*.

A versatilidade do artista manifesta-se na variedade de sua temática. Pintou retratos, paisagens, temas históricos e religiosos. Mas a expressão mais alta de sua arte está nos quadros em que apresenta tipos e costumes do interior brasileiro.

Sugestões Bibliográficas

Gonzaga Duque - A Arte Brasileira
Francisco Acquarone - Mestres da Pintura no Brasil
José Maria dos Reis Júnior - A Pintura no Brasil
Maria Barreto - Almeida Júnior na História da Arte Brasileira, in Anuário do Museu Nacional de Belas Artes
Roberto Pontual - Dicionário das Artes Plásticas no Brasil.

joão zeferino da costa

É um dos nomes mais importantes da primeira geração de alunos da Academia Imperial de Belas Artes. Sua obra mais destacada foi a decoração da Igreja de Nossa Senhora da Candelária, no Rio de Janeiro. Com um grupo de discípulos, Zeferino se incumbiu da pintura da capela-mor, do zimbório e da nave principal da igreja recém-construída. O êxito foi total, como atestam os críticos da época e o fato de até hoje ser a Candelária um dos pontos de atração turística da cidade.

A pintura de Zeferino da Costa, de caráter acadêmico, mostra certa afinidade com Vítor Meireles. Ambos dominam a técnica do colorido, conseguindo com as tintas efeitos de transparência e luminosidade, o desenho de emoção controlada, a composição calma e poética.

A preocupação com o modelado das figuras e o emprego de tons mais quentes, influência da formação italiana, diferenciam-no de Vítor Meireles. Nasceu no Rio de Janeiro a 25 de agosto de 1840. Diplomado pela Academia Imperial de Belas Artes, em 1868 seguiu para a Europa, ao conquistar o Prêmio de Viagem. Em Roma, estudou na Academia de S. Lucas. De volta ao Brasil em 1877 foi nomeado professor substituto de Vítor Meireles. Faleceu a 24 de agosto de 1915.

Além de sua atividade na pintura e no magistério deixou um livro sobre a técnica do desenho.

Sugestões Bibliográficas

José Maria dos Reis Júnior - A Pintura no Brasil.
Francisco Acquarone - Mestres da Pintura no Brasil.
Roberto Pontual - Dicionário das Artes Plásticas no Brasil.

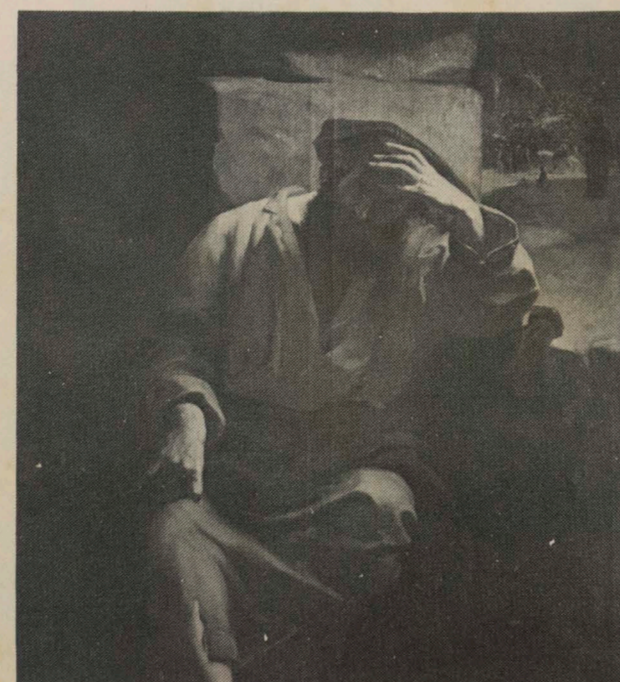
FUGA PARA O EGITO
Almeida Júnior
MNBA, RJ



CAIPIRAS NEGACEANDO
Almeida Júnior
MNBA, RJ



REMORSO DE JUDAS
Almeida Júnior
MNBA, RJ



O ÓBOLLO DA VIÚVA
Zeferino da Costa
MNBA, RJ



CABEÇA DE MULHER
Zeferino da Costa
MNBA, RJ



CARIDADE
Zeferino da Costa
MNBA, RJ



futurismo

"A velocidade é o nosso deus, o novo código da beleza, um carro de corrida é mais belo do que a Vitória de Samotrácia. O Tempo e o Espaço morreram ontem. Vivemos no absoluto, eis que criamos a eterna velocidade onipresente."

— proclama o poeta italiano Felippo Marinetti no Manifesto da Poesia Futurista em 1909. O manifesto dos futuristas é fruto de um encontro de Marinetti e três pintores italianos, Carlo Carrà, Umberto Boccioni e Luigi Russolo. Estes analisam a situação da arte italiana e decidem dirigir-se aos artistas jovens. As assinaturas de Giacomo Balla e de Gino Severini, acrescentam-se ao manifesto que, em 8 de março de 1910, é lido publicamente em Turim. "Espalhado alguns dias mais tarde em milhares de exemplares, este apelo à rebelião ousada e franca, sob o céu cinzento de nosso país, produziu o efeito de descarga elétrica", afirma Carrà.

Em novo texto, com data de 11 de abril, segue-se um manifesto técnico da pintura futurista. Nele fala-se da multiplicação de tudo que está em movimento. Os futuristas analisam o Cubismo como demasiado estático, "muito chegado aos museus, estranho demais à exasperação dinâmica do mundo moderno".

Negam o passado e glorificam o futuro. Agressivamente, proclamam o dinamismo universal. Uma pessoa descendo uma escada será representada numa tela repetidas vezes. Substituem a representação realista por linhas e planos, entrecruzando-se em ângulos que têm o objetivo de sugerir movimento.

Confuso teoricamente, o Futurismo é um testemunho da crise cultural que vive o homem contemporâneo já a partir dos primeiros anos deste século.

abstracionismo

O Abstracionismo, corrente que se afasta da representação objetiva da realidade física, é uma das escolas mais discutidas da Arte Moderna. Uma obra abstrata não reproduz as formas e cores das imagens ou aparências da realidade visualmente existentes.

O termo "abstrato" é profundamente discutido. Pode-se afirmar que qualquer arte é abstrata, "chamo arte abstrata toda arte que não contém qualquer apelo, qualquer evocação da realidade, seja ou não a realidade do ponto de partida do artista", declara Michel Seuphor.

Os pioneiros da arte abstrata são de origem russa. Pesquisas situam as primeiras manifestações abstracionistas em 1916 e como precursor o lituano Tchurlianis.

Entretanto o período inicial deliberadamente abstracionista data de 1910, com uma aquarela de Kandinsky com manchas de cor justapostas, sem intenção figurativa. Neste mesmo ano escreve Kandinsky uma obra fundamental — *Do Espiritual na Arte*, uma justificação estética da nova orientação.

Em 1912, o tcheco Kupka expõe telas abstratas diretamente inspiradas pela música. Picabia, cuja tela Cautchuque de 1909 já é abstrata,

participa do movimento, enquanto Delaunay, criador do Orfismo, exalta também a abstração e o lirismo da cor pura.

Em 1913, Malevitch denomina a abstração geométrica, que deriva do cubismo, de Suprematismo. Os elementos do Suprematismo são o retângulo, o círculo, o triângulo e a cruz. Embora a primeira manifestação do Suprematismo tivesse lugar em 1913, quando Malevitch expôs um quadrado perfeito, negro com fundo branco, o manifesto do movimento aparece em 1915 redigido com auxílio do poeta russo Maiakovski. O objetivo é atingir o máximo da sensibilidade, deixando de lado o próprio objeto. O quadro é transformado em estímulo para pensar, uma tentativa de atingir o nada, deixando de lado "todas as impurezas, como formas e cores". Assim chegam até o quadro Branco sobre o Branco de Malevitch. Quase simultaneamente Tatlin cria o movimento Construtivista e Redchenko o Não-Objetivismo. Na Holanda, em 1917, Mondrian e o movimento Stijl (Van Doesburg, Van der Leek) surgem em oposição à tendência lírica e orgânica de Kandinsky e impõem a tendência geométrica e intelectual do Abstracionismo.

Com o Neoplasticismo de Mondrian que tem suas raízes no Cubismo, orienta-se a arte para a pureza e a universalidade da matemática. Emprega as cores primárias consideradas por ele "as puras" — vermelho, amarelo e azul. Limita-se às linhas e aos ângulos retos. O ângulo reto passa a ser o símbolo do movimento.

Em 1930, Théo Van Doesburg cria o termo "Arte Concreta" em substituição à Arte Abstrata. Desde então prevalece a denominação de Arte Concreta nos escritos de Arp e Max Bill. Entretanto a denominação Arte Abstrata é a mais usada.

O Abstracionismo tem repercussão na obra de Hantung, Bissière, de Stael, Soulages, Atlan e Bram van Velde. Em 1955, cria-se a palavra Tachismo para falar de pintores como Mathieu e Riopelle.

Uma revelação importante do Abstracionismo foi a escola norte-americana, que soube criar um estilo próprio com Gorky, Kline, Kooning e Pollock. Pollock surge com o que o crítico Harold Rosenberg chama de "action painting" (ação em pintura) — pintura do gesto, rápida. "A pintura não provém do cavalete.

Raramente acontece que estenda a tela antes de pintar. Prefiro aplicá-la contra a parede dura ou estendê-la no chão. Posso trabalhar dos quatro lados e entrar literalmente dentro... Continuo a afastar-me cada vez mais dos utensílios usuais do pintor, como cavalete, paleta, brochas etc., preferindo bastões, pás, facas, pintura fluida que deixa escorrer, pasta espessa com areia, vidro socado e outros materiais habitualmente estranhos à pintura."

No Brasil, o Abstracionismo repercutiu em várias fases de diversos artistas, entre eles Iberê Camargo, Ivan Serpa, Aluísio Carvão, Manabu Mabe e outros.

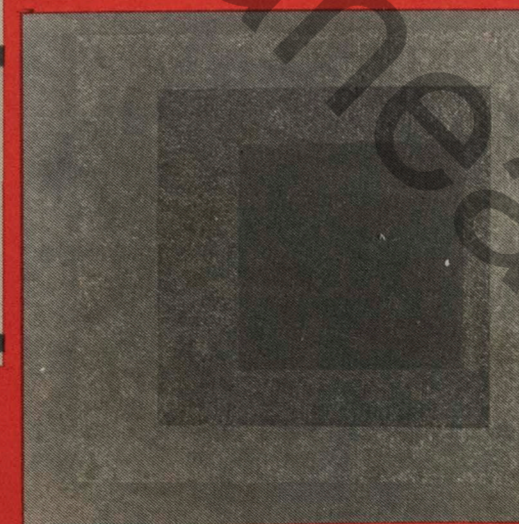
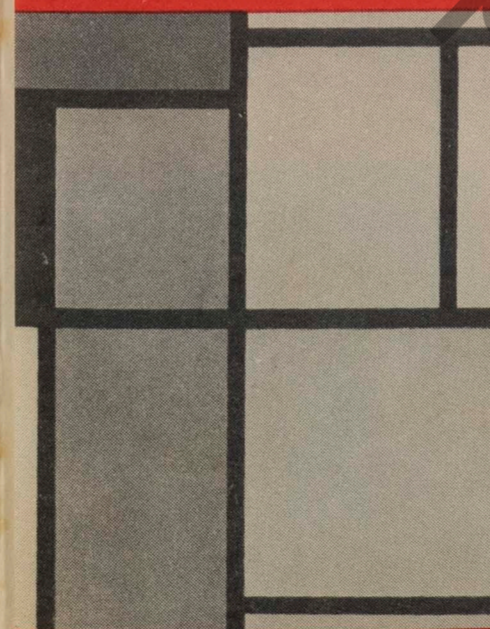
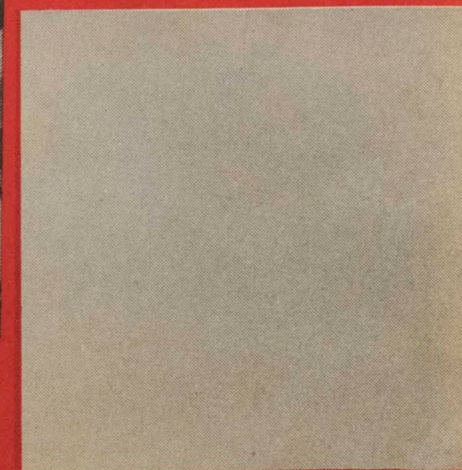
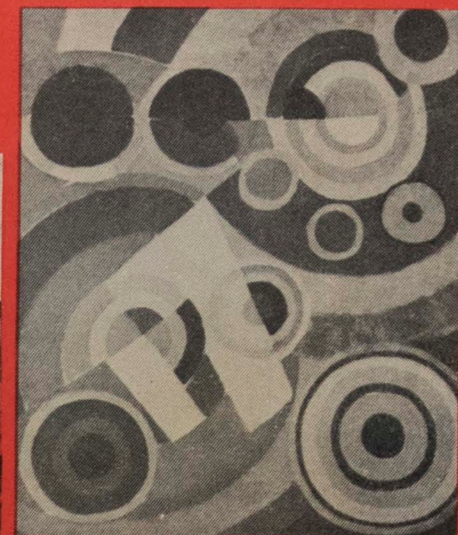
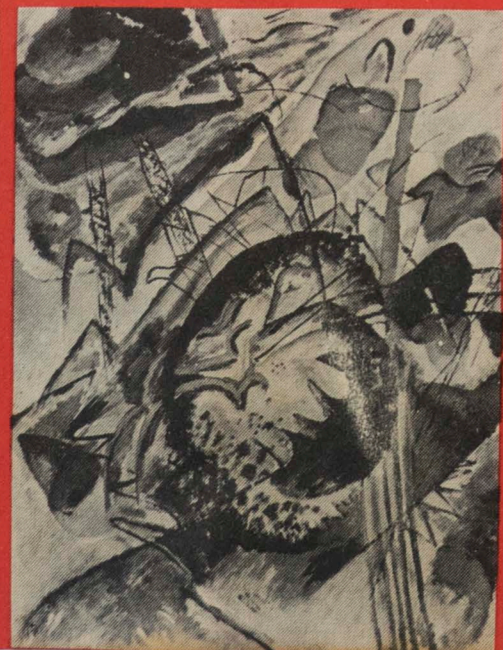
Texto de Edgar de Carvalho Júnior

Nu Descendo a Escada Composição
Futurismo de Abstracionismo informal de
Marcel Duchamp Wassily Kandinsky

Decoração Mural *Branco sobre Branco*
Orfismo de Suprematismo de
Robert Delaunay Casimiro Malevitch

Composição *Homenagem ao Quadrado*
Neo-plasticismo de Superconcretismo de
Piet Mondrian Josef Albers

A Beira-mar *Luz Branca*
Tachismo de "Action painting" de
Nicolas de Stael Jackson Pollock



tempo

51L

4 de arte

alfabetização visual

Ao visitar um museu de arte seus alunos devem estar preparados para *ver* uma obra de arte. A maioria das pessoas foi habituada a pensar por meio de palavras, mas podemos levar nossos alunos a pensar também por meio de cores e espaços. Assim como para a música educamos nossos ouvidos para distinguir sons, tonalidades, ritmo e movimento, é indispensável educarmos a nossa visão para compreendermos a arte plástica. O professor deve infundir no aluno confiança em seus próprios olhos, cérebro e reações emocionais, para que ele possa ler uma obra de arte. Exercícios de concentração sobre um objeto, por tempo suficiente para que sejam memorizados seus elementos essenciais e se estabeleçam relações entre eles, dão uma imagem mais clara da obra. Torna-se, assim, mais fácil analisá-la e compará-la a outras formas, a outras obras de arte e à própria realidade natural.

Antes de se aprender teoria literária, aprende-se a ler. O que você fará com

seus alunos é uma espécie de alfabetização visual. Uma técnica fácil e eficiente é escolher um único elemento visual, que se encontre na arte e na natureza, e pedir que eles o descubram em seus múltiplos tamanhos, formas e posições. Uma forma básica como o quadrado ou o círculo, uma cor, como o marrom ou o verde, uma linha vertical, paralela ou curva, podem ser exploradas em todas as aplicações, na pintura, nos objetos, nos edifícios, nas ruas.

Com projeção de diapositivos ou utilizando reproduções de revistas ou livros, você poderá pedir à turma que observe as figuras geométricas básicas. Em quadros como Menino de Brodowsky, O Largo da Carioca em 1816 e Subúrbio, por exemplo, essas formas estarão presentes nas casas, janelas, telhados. Esta técnica que tem caráter lúdico atrai e é estimulante, ensina a ver as coisas de uma nova maneira. É o início da educação através da arte.

Menino de Brodowsky
Cândido Portinari
MNBA, RJ



Largo da Carioca em 1816
Nicolas Taunay
MNBA, RJ



Subúrbio
Géza Heller
MNBA, RJ

